

NATIVOS DIGITAIS, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: PERCEPÇÕES SOBRE LETRAMENTO E ANALFABETISMO DIGITAL EM UMA CLASSE DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Janmes Wilker Mendes Costa¹

Cleudeni Milhomem Brito²

Glyciane Vieira da Silva³

Ricardo Furtado de Oliveira⁴

Sidicleia Soares Santos⁵

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência realizado em uma turma de ensino fundamental anos finais, 8º ano, em uma escola de educação básica na cidade de Fortaleza, Ceará, após a constatação que este grupo de aluno, mesmo sendo considerados nativos digitais, não conseguiam utilizar programas básicos do pacote office. Tal constatação nos levou a perceber a fragilidade da habilidade de uso de ferramentas digitais por este grupo que não fossem smartphones, fones bluetooth e video games. Esta fragilidade pode ser superada com um processo de letramento digital, onde o aluno não só se alfabetiza digitalmente, mas também ressignifica e gera novos conhecimentos para si e para o outro. Per Passaremos também por uma breve revisão bibliográfica onde veremos conceitos de alfabetização, letramento, letramento digital e analfabetismo funcional a fim de entender melhor como eles se encaixam com o conceito de nativos digitais. Espera-se que com este trabalho, o leitor possa refletir sobre as práticas pedagógicas de sala de aula no tocante ao uso de tecnologias para geração de conhecimento, como uma ferramenta a ser usada a nosso favor e a favor do aluno que embora seja

1 Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - MUST. Email: prof.janmeswilker@gmail.com

2 Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - MUST. E-mail: ccleudamilhomem@gmail.com

3 Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - MUST. E-mail: glycianevslva@gmail.com

4 Doutorando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciências Sociales - FICS. E-mail. ricardopsicologo@live.com

5 Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University - MUST. E-mail sidicleia_22@hotmail.com

nativo digital, nem sempre pode ser considerado um letrado digital.

Palavras-chave: Educação, Nativos digitais, Letramento, Alfabetização.

Abstract: This article presents a report of an experience carried out in an elementary school class in the final years, 8th grade, in a basic education school in the city of Fortaleza, Ceará, after verifying that this group of students, even being considered digital natives, could not use basic office suite programs. This finding led us to realize the fragility of this group's ability to use digital tools different from smartphones, bluetooth headphones and video games. This fragility can be overcome with a digital literacy process, where the student not only becomes digitally literate, but also resignifies and generates new knowledge for himself and for the other. We will also go through a brief bibliographic review where we will see concepts of literacy, literacy, digital literacy and functional illiteracy in order to better understand how they fit with the concept of digital natives. It is hoped that with this work, the reader can reflect on the pedagogical practices in the classroom regarding the use of technologies for knowledge generation, as a tool to be used in our favor and in favor of the student who, despite being a digital native, cannot always be considered digitally literate.

Keywords: Education, Digital natives, Literacy, Literacy.

Introdução

A Alfabetização pode ser entendida como o processo através do qual o indivíduo desenvolve a habilidade de ler e escrever de forma a usar este recurso como mecanismo de comunicação em seu ambiente de convivência. É através dela, também, que se consegue adquirir a habilidade de leitura, compreensão de textos e da linguagem de uma forma geral.

O indivíduo alfabetizado é capaz de desenvolver a habilidade de socialização através de novas trocas simbólicas com outros indivíduos e por consequência com a sociedade como um todo. Ela possibilita também o acesso a bens culturais e outras facilidades das entidades sociais.

Como exemplo podemos citar o surgimento da escrita ainda na pré-história, quando o homem descrevia as ações do seu dia a dia, por meio de desenhos e símbolos artísticos variados. Estas descrições precisavam ser

ensinadas para que sua codificação e decodificação fosse possível e assim cumprisse sua função social de comunicação e trocas entre os indivíduos, começou então assim, o processo de alfabetização. Acreditava-se então que, aprender a ler e escrever, seria apenas entender estruturas da língua de maneira rudimentar e ser capaz de reproduzi-las.

Com o passar do tempo e a evolução da sociedade, surgiu a necessidade de um uso mais abrangente da leitura e escrita, além de interpretação textual, assim, por volta do século XVI, começou-se a falar sobre letramento. Para Tavares (2009,p.26), o letramento vem se adaptando a várias situações e diferentes contextos da humanidade, a partir de práticas sociais de uso da leitura e da escrita.

Entretanto, foi a partir do século XX que se iniciou o processo de letramento conhecido como o temos hoje. Soares (2009) enfatiza que a partir dos anos 40 já se percebia uma noção primária de letramento mais próximo da atualidade.

Interessante também entender que. Alfabetização e letramento, não existem de forma dissociada um do outro. São conceitos distintos, mas que trabalham juntos. Por alfabetização, como dito anteriormente, entendemos a ação de ler e escrever, já por letramento, entendemos a utilização desta tecnologia como práticas sociais de leitura e escrita. Ou seja, através do letramento, trazemos a alfabetização para uma aplicabilidade à realidade do indivíduo dentro da sociedade. Ainda segundo Soares (2003), aprender uma técnica e não saber usá-la não tem utilidade. Assim, devemos ensinar a técnica, mas também envolvê-la nas práticas sociais de leitura e escrita, inserir o uso real da palavra no contexto social.

Por isso, é salutar compartilhar da concepção de Kleiman (2005) que nos traz o entendimento de que o indivíduo “letrado” não necessita de grandes esforços para se comunicar e entender o mundo a sua volta, ou seja, a leitura e a escrita são inseridos no cotidiano. Kleiman (2005) fortalece esse argumento ao dizer que “se considerarmos a prática social como um dos elementos estruturados do trabalho escolar, o ensino da leitura e da produção textual pode ser ampliado com vistas a incluir as leituras passageiras da passagem urbana, como letreiros nas estradas, avisos nas ruas e em guichês” (KLEIMAN, 2005, p. 57), ou seja, utilizar do que é estudado, ensinado em sala de aula, para que o sujeito “leia” o mundo a sua volta, em todos os aspectos e formas e torne estes elementos significativos e consiga, de acordo com a situação, ressignificar seus conceitos e concepções.

Após o entendimento dos conceitos de alfabetização e letramento,

trazemos à tona um conceito que hoje está imbricado em ambos que é o de letramento digital. O letramento digital é definido como sendo a capacidade de dominar técnicas para acessar, interagir e compreender a leitura dos diversos tipos de mídia. Ele remete ao letramento tradicional, no entanto, adiciona-se as tecnologias ao processo de convivência. Nesse contexto, as ferramentas digitais são consideradas um novo idioma.

Todavia, falar de letramento digital vai além do uso de ferramentas e mídias digitais. Não é suficiente colocar um indivíduo na frente do computador ensiná-lo a usar diferentes programas ou aplicativos no celular. Ele está relacionado à capacidade de utilizar os meios digitais como dispositivo comunicacional para educação, trabalho e entretenimento. Indo ainda mais além, falar de letramento digital é falar da habilidade de utilizar a tecnologia para avaliar, criar e comunicar informações que exigem competências cognitivas e técnicas.

Um indivíduo digitalmente letrado, é capaz de ,além de escolher a melhor mídia e conseguir navegar por ela como forma de adquirir novos conhecimentos, sendo capaz de acessar um texto de hipermídia e utilizar-se de hiperlinks para buscar outras informações, ver vídeos, imagens e ouvir áudios, poder dar credibilidade a um texto entendendo se aquilo que se escreve e consome é essencial para o aprendizado midiático e digital, checar fontes e não estar tão exposto a fake news.

Em suma, o indivíduo digitalmente letrado é capaz de produzir conhecimento através da significação e ressignificação de conceitos tendo participação efetiva enquanto membro social dotado de direitos e deveres, do contrário é um excluído da cultura digital.

Para a construção deste artigo teve como metodologia a revisão bibliográfica de conceitos sobre Alfabetização, letramento, letramento digital e analfabetismo digital, bem como sobre nativos digitais e suas características. Acrescenta-se também a metodologia os dados obtidos de uma pesquisa feita entre os alunos do 8o ano do ensino fundamental anos finais em uma escola particular da cidade de Fortaleza através da plataforma mentimeter.

Nativos Digitais x Analfabetos Digitais: percepções sobre alunos do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais

Os nativos digitais são os indivíduos que já nasceram inseridos no contexto tecnológico. Eles nasceram rodeados por computadores,

smartphones, e diversos outros tipos de recursos digitais. As músicas de dormir eram tocadas em um MP3 e mesmo antes de falar já tinham uma coordenação motora fina mais desenvolvida para manusear o “touch” do celular.

O termo Nativos Digitais foi usado primeiramente pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para se referir aqueles que estavam acostumados a obter informações de forma rápida através, primeiramente, de fontes e recursos digitais. Navegadores e a web de forma geral, são sua primeira opção de pesquisa e muitos deles não conseguem manusear um livro em busca dessas informações. Eles falam a linguagem digital desde o nascimento. Não a adquirem, ela é natural. Essa geração, segundo Prensky, “pensa e processa informações de forma diferente” e sua familiaridade com a linguagem digital faz com que ela seja para eles como uma segunda língua (2001b).

Assim, é de se presumir que os nativos digitais dominam os meios tecnológicos de forma a utilizá-los de forma “proficiente” nas situações diárias já que nasceram imersos em tecnologia e aprenderam a manusear algumas delas mesmo antes de falar. Se considerarmos a tecnologia como uma linguagem e que muitos nascem imersos nela, é de se esperar que estes, que nascem imersos em tecnologia, sejam “fluentes” nessa linguagem. No entanto, percebe-se que a situação vai um pouco na contra-mão dessa afirmativa.

Voltando aos conceitos anteriormente descritos sobre alfabetização e letramento, chegamos a uma questão. Se a tecnologia é uma linguagem, e ser letrado em uma linguagem é usá-la com um propósito dentro de um contexto social, podemos afirmar que, aquele que não domina a tecnologia com um propósito e não consegue usar todos os seus recursos, usando-os de forma limitada, é um analfabeto digital.

Entende-se que analfabeto é todo aquele que é incapaz de adquirir a habilidade da leitura e da escrita, ou que não teve a oportunidade de adquiri-la. Aprofundando um pouco mais, chegamos ao conceito de analfabeto funcional que segundo o dicionário online Michaelis é o indivíduo que sabe ler e escrever, mas de forma muito rudimentar, estando despreparado para a compreensão de textos ou problemas que exigem uma produção de sentido ou reflexões mais aprofundadas e abrangentes.

Analfabetos digitais funcionais seriam, portanto, aqueles que sabem manusear aparelhos eletrônicos, comunicam-se por eles, mas são incapazes de entender as ferramentas existentes no mundo digital, conhecem apenas

parte delas. É como quem sabe conversar sobre vários assuntos, mas não consegue escrever sobre eles, ou ainda mais, ao ler um determinado texto, não consegue ressignificar seus sentidos e entender suas ideias. No mundo digital equivaleria a uma pessoa que não sabe utilizar um editor de textos e nem navegar na internet.

Baseado nestes conceitos, pudemos observar uma situação bastante curiosa em uma turma do 8o ano do ensino fundamental anos finais de uma escola de educação básica na cidade de Fortaleza.

Ao finalizar uma sequência didática, o professor da disciplina de Língua Inglesa, pediu que os alunos preparassem uma apresentação onde falariam sobre uma invenção que revolucionou a humanidade. Foram descritos então o modo de elaboração do trabalho e a forma que o mesmo seria apresentado para a turma. Usaria-se o power point. Começou então em sala de aula, uma verdadeira agitação para saber o que seria esse “tal” de power point.

Na aula seguinte o professor levou os alunos ao laboratório de informática da escola e com a ajuda dos responsáveis pelo laboratório, mostrou-se aos alunos noções básicas de uso e criação no power point, apenas o necessário para estes pudesse performar na atividade.

Toda a situação gerou um questionamento a respeito das demais ferramentas tecnológicas básicas que compõem o pacote office. Decidiu-se então, por uma pesquisa simples com o grupo de alunos sobre a sua habilidade em usar os recursos básicos do pacote office. Foi elaborado então um questionário usando a plataforma mentimeter com o objetivo de conhecer a habilidade dos alunos de desta turma de 8o ano em utilizar os recursos básicos do programa office.

As perguntas consistiam em dizer se o aluno seria capaz de utilizar os programas word, excel, power point e outlook, respondendo com sim ou não. A pesquisa foi aplicada a um grupo de 23 alunos que estavam presentes no dia da aplicação.

Pôde-se observar que de 23 alunos, 18 afirmaram saber usar bem o aplicativo word, perfazendo um total de 78,26%. 5 alunos afirmaram saber usar a plataforma excel, o que nos dá um total de 21,73%. Ao serem perguntados sobre o power point, programa trabalhado com eles nos laboratórios de informática, dos 23, 22 afirmaram saber usar o programa, 95,65%, houve ainda um aluno afirmando não saber usar a plataforma. Por fim, apenas 2 alunos afirmaram que sabiam usar o aplicativo outlook, o que totaliza cerca de 8% dos alunos.

Conclusão

Ao dizer que o indivíduo digitalmente letrado é capaz de produzir conhecimento através da significação e ressignificação de conceitos tendo participação efetiva enquanto membro social dotado de direitos e deveres, do contrário é um excluído da cultura digital baseamos a afirmação de que os alunos citados nesta pesquisa não são alunos digitalmente letrados. São indivíduos capazes de usar a linguagem tecnológica para cumprimento de determinadas tarefas, mas não a usam para gerar conhecimento. Eles apenas reproduzem.

É interessante entender também que estes indivíduos, alunos do 8o ano, nativos digitais, conhecessem uma ferramenta básica de preparação de apresentações. Já se começa a observar uma falta de habilidade com determinado recurso, comparativamente, é como o sujeito, nascido em meio àquela língua, não conseguisse usá-la. Vamos então ao segundo momento onde os alunos são levados até o laboratório de informática. Ali, a lacuna de uso da ferramenta é suprida de forma básica e com um propósito, preparar a apresentação, trazendo para as definições de alfabetização, são como os primeiros passos dados para ler e escrever seu nome, ou seja utilizam a ferramenta com um propósito específico mas dizer que, esse alunos, possui um letramento digital, não caberia nesta situação, pois ele não conseguiria ainda, de forma independente, usar esta linguagem em outras situações e gerar novos conhecimentos.

Há também de se pensar que aqui, não cabe dizer que estes alunos não têm habilidade ou são incapazes de se “letrarem” digitalmente, a falta de conhecimento foi o fato gerador da situação, os alunos, provavelmente nunca foram expostos ou não foi necessário que aprendessem a utilizar os programas citados na pesquisa. Uma vez que pode-se observar uma utilização inicial do power point após terem sido formalmente instruídos, podemos dizer também que se forem expostos, instruídos e direcionados quanto ao uso dos demais programas, eles o farão de forma fluida e os usarão de proficientemente, como uma linguagem nova, visto que são nativos digitais e a facilidade para lidar com ferramentas tecnológicas encontra-se de forma natural em seu dia-a-dia.

É interessante frisar ainda que a intencionalidade do uso fará grande diferença na aprendizagem desse novo recurso e a significância para o aluno é um dos pontos primordiais para que a utilização dos programas seja feita e ressignifique o aprendizado, seus conceitos e concepções,

formando sujeitos não apenas alfabetizados digitalmente, mas também letrados digitalmente.

Referências

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

RIBEIRO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF. 2. ed. São Paulo: Global, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa Ferreira. Navegar lendo, ler navegando – Aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. 2008. 248 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época; v. 47).

MATTAR, João. Games em educação: como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson, 2010.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a).

Michaelis On-Line. 2021. Remoto | Michaelis On-Line. [online] Available at: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/remoto>> [Accessed 04 September 2023].